



A Representação Visual da Criança na Imprensa Brasileira: uma Análise dos Jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*¹

Angela Maria FARAH²

Centro Universitário de União da Vitória - UNIUV

Resumo

A pesquisa tem como objetivo analisar os casos de representação visual da criança em reportagens que indiquem a complementaridade da informação verbal, conforme o conceito preconizado por Barthes para a relação texto-imagem nos processos discursivos. Para tanto, foi analisado o tratamento jornalístico na construção da cena visual e na articulação texto verbal e não-verbal na mídia impressa, examinando como as significações se constroem e quais os efeitos de sentido obtidos pelo recurso à imagem. O *corpus* se constitui de uma seleção de reportagens relacionadas à temática escolhida, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, examinados durante oito meses. A partir de dados fornecidos pelos próprios textos (verbovisuais), foram sistematizadas categorias de análise, para a identificação das diferentes formas de tratamento jornalístico utilizadas nas configurações visuais.

Palavras-chave: jornalismo; fotojornalismo; criança; texto verbal; texto não-verbal.

Introdução

Este artigo apresenta, de forma resumida, a pesquisa e os resultados da investigação realizada por essa autora na dissertação de mestrado³. Ao considerar o grande papel das mídias na configuração do imaginário social e as mudanças históricas nas sociedades, o objetivo central da pesquisa foi investigar as representações visuais da criança no jornal impresso, em levantamento efetivado em 2006⁴, refletindo sobre os efeitos de sentido construídos por meio da utilização de técnicas próprias da imprensa.

Para obter o material de análise, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* constituíram o objeto de investigação desta pesquisa. A seleção e a leitura das

¹ Trabalho apresentado na DT4 – Comunicação Audiovisual, no GP Fotografia, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade do Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV). É graduada em Jornalismo, especialista em Planejamento de Comunicação Integrada e Metodologia da Ação Docente e membro do Conselho Editorial da UNIUV. E-mail: angelafarah@uol.com.br

³ A dissertação “A representação visual da criança na imprensa brasileira: uma análise dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*” foi produzida entre 2006 e 2008, no curso de Mestrado em Comunicação e Linguagens, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), e orientada pela Professora Doutora Kati Eliana Caetano.

⁴ A determinação do período pesquisado corresponde ao primeiro ano do curso de Mestrado em Comunicação e Linguagens, no qual foi iniciada a dissertação.



reportagens nos jornais escolhidos, durante oito meses, de maio a dezembro de 2006, totalizando aproximadamente 500 páginas dos dois veículos, proporcionaram a especificação do que foi pesquisado e analisado.

Os critérios de seleção dos veículos, preliminarmente observados, foram a política editorial de cada um deles, a tiragem de cada jornal, que estão entre os quatro jornais com maior circulação no Brasil, e a tradição dos dois jornais no mercado jornalístico do país. Além disso, os dois jornais colocam-se como representantes de propostas políticas divergentes e distintas, dado relevante para a pesquisa. Em muitos momentos históricos do país, os dois jornais foram a fonte primeira de informação para a sociedade brasileira, devido a sua importância no contexto sociopolítico brasileiro.

A observação direta dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* trouxe dados importantes em relação ao uso de fotografias de crianças em muitas reportagens dos jornais. Percebeu-se que as fotografias delas estavam em um número maior de matérias do que se esperava, além de muitas imagens aparecerem em matérias que não estavam diretamente relacionadas com as temáticas próprias da infância.

Assim, a leitura dos jornais possibilitou a percepção do discurso do jornal, de forma completa, ou seja, na união e na articulação entre o texto verbal e visual, além de perceber a crescente importância do texto não-verbal (recursos gráficos e a fotografia, por exemplo) no discurso informativo atual. Desse modo, verificou-se que o texto verbal não pode ser desvinculado da imagem, quando esta adquire novos sentidos em função do texto com o qual se articula, além de sua posição no contexto da página e do jornal. A ênfase desta pesquisa recaiu, no entanto, nas fotografias, como ponto de partida, que foram, então, examinadas nos vínculos com o verbal e outros recursos utilizados na imprensa.

A primeira parte da dissertação apresentou a revisão do conceito de infância sob o prisma da história, por se considerar a relevância dessa informação para a análise das representações e dos usos das imagens de crianças. Tratou também das relações e interações entre jornalismo e sociedade, com ênfase na construção simbólica da cultura e a relevância do jornal impresso como meio de comunicação para a sociedade. Foram discutidas as configurações do jornalismo e do fotojornalismo, assim como foi feita uma reflexão sobre a “ética do ver”, com o objetivo de examinar a questão sobre o que pode e o que não pode ser visto em nossa sociedade.

O jornal como veículo de comunicação sincrético e as principais questões envolvidas entre a articulação do verbal e do não-verbal foram discutidas na segunda



parte da pesquisa. Para a análise da vinculação entre o verbal e o não-verbal, teve-se como base Roland Barthes (1990) e autores da semiótica discursiva francesa, com seu principal estudioso, Algirdas Julien Greimas, assim como o estudioso francês Eric Landowski, entre outros.

Foi na terceira parte da dissertação que se realizou a análise do *corpus* selecionado, a partir da sistematização de categorias de análise, para a identificação das diferentes formas de tratamento jornalístico utilizadas nas configurações visuais. Dessa maneira, a partir dos estudos das teorias do jornalismo e da fotografia, e da semiótica discursiva e plástica, no tocante à análise propriamente dita, fez-se um estudo de como a criança é representada visualmente na mídia impressa brasileira, atendendo às várias estratégias para captar e fixar a atenção do leitor.

Ancoragem e complementaridade no jornal impresso: uma proposta de pesquisa

Por meio de observações preliminares nos dois jornais impressos escolhidos para realizar a pesquisa (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*), de grande circulação no Brasil, pode-se constatar que a representação visual da criança nas fotografias jornalísticas desempenha dois papéis: o de ilustração e o de complementaridade. O primeiro caso aponta que a imagem ilustra o texto verbal ou vice-versa, trazendo especificações; e no segundo caso, de forma evidente, a imagem traz especificações ao texto verbal ou ainda oferece uma mensagem conotada, evocando ou sugerindo sentidos além do conceito literal de um objeto ou sujeito. O primeiro grupo é aquele em que a imagem em relação ao texto verbal ou vice-versa é puramente ilustrativa, e o segundo, em que a imagem apresenta acréscimos à informação verbal, que se efetiva em vários tipos e graus de relação. A recorrência deste último uso encaminhou a pesquisa dos casos em que tal representação da criança acontece; que sentidos propicia e que efeitos de sentido causa pelo recurso à sua imagem, quando as matérias não tratam da temática infantil.

Roland Barthes já intuía e discutia essa classificação na década de 1960, em dois textos clássicos: *A Mensagem Fotográfica* e *A Retórica da Imagem*, nos quais ele descreve as relações entre a mensagem lingüística e a mensagem icônica, por meio das funções de fixação e de relais. A primeira seria a de fixar a idéia principal, tratando-se de uma descrição denotada da imagem, sendo mais frequente a mensagem linguística, muito encontrada no jornalismo e na publicidade, usada para “ilustrar” conteúdos.



Nesse caso, o autor afirma que o texto verbal, representado, sobretudo, pela legenda, limitaria o leque de aberturas de leitura da imagem, que seria orientada pelo verbal. A segunda função, segundo Barthes, é mais rara, na qual a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade, sendo mais complexa em sua interpretação. São as possibilidades dessa relação de complementaridade, não detalhada por Barthes, que esta pesquisa investigou.

Pelo fato de restringir os sentidos potenciais de uma fotografia é que “a imagem não ilustra mais a palavra; é a palavra que ilustra a imagem” (BARTHES, 1990, p.20). Assim, neste trabalho, quando as fotografias de crianças e o texto verbal referem-se a questões temáticas voltadas à infância, como escola/educação, segurança, saúde, comportamento, pode-se afirmar que há ancoragem. O segundo papel, o de complementaridade, pode ser caracterizado quando a fotografia de criança complementa a informação verbal, nem sempre tendo ligação direta com o texto não-verbal. Em muitos casos, essa complementaridade pode gerar novos sentidos.

[...] por vezes, também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo, que é, de certo modo, projetado retroativamente na imagem, a ponto de nela parecer denotado [...] Por vezes, a palavra pode chegar a contradizer a imagem, produzindo uma conotação compensadora [...] (BARTHES, 1990, p.21).

Nesse sentido, acredita-se que analisar apenas a complementaridade do texto verbal e não-verbal do material jornalístico dos jornais selecionados para esta pesquisa seja insuficiente. A proposta da pesquisa é utilizar a definição de Barthes, aprofundando e detalhando quais são os tipos de complementaridade nesses jornais e quais são os diálogos propostos por essa complementaridade da informação. Assim, o segundo grupo, o da complementaridade, é que oferece maior riqueza de sentidos emanados da articulação do verbal e do não-verbal, sobretudo de sua vinculação com a imagem.

Portanto, investigar qual é o papel desempenhado pelo uso de imagens de crianças em material jornalístico, cujos temas não se reportam diretamente à questão infantil, examinando como as significações se constroem e quais os efeitos de sentido obtidos pelo recurso à imagem, foi a questão central da pesquisa. Para tanto, foi analisado o tratamento jornalístico na construção da cena visual e na articulação texto verbal e não-verbal na mídia impressa. Desse modo, a dissertação buscou as diferenças de tratamento para observar e apontar os modos distintos de construção de cena visual,



assim como modos distintos de articulação imagem/texto, que pudessem demonstrar as diversas representações da criança, mesmo que tais diferenças sejam sutis.

Ao observar o efeito de sentido que a fotografia jornalística pode trazer para o público-leitor do jornal impresso, quando exerce o papel de complementaridade em matérias que não tratam diretamente da temática da criança, esta pesquisa levantou algumas questões a serem investigadas:

1. que temas, no período recortado, são predominantes na utilização da representação infantil;
2. de que maneira formalizam visualmente o fato discorrido no texto verbal, que sentidos e efeitos de sentido constroem;
3. como intervêm para esses efeitos os recursos da imagem fotográfica propriamente dita, considerada em seus aspectos técnicos e plásticos;
4. até que ponto utilizam a relação texto-imagem como fonte de sentidos implícitos reportados não só à criança, mas aos conflitos, por meio da condição infantil.

Proposta de categorização do *corpus*

Como exposto anteriormente, o *corpus* da dissertação se constituiu de uma seleção de reportagens relacionadas à temática infância, no tocante às fotografias que apresentaram crianças, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, examinados durante oito meses. As reportagens sem fotografia, os artigos de opinião, as crônicas, os suplementos infantis e culturais foram desconsiderados.

O período de observação de oito meses dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, que proporcionou a separação de, aproximadamente, 500 páginas, é muito extenso para ser analisado em uma pesquisa que pretenda atingir um nível de análise que leve a resultados tangíveis. Por isso foi utilizado, para o estudo, a proposta de estilo de categorização de Fontanille (2007), buscando a *melhor amostra possível* no material selecionado e examinado dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

[...] pode-se [...] organizar uma categoria em torno de uma ocorrência particularmente representativa, de uma amostra mais visível ou mais facilmente detectável do que todas as outras e que possui ela só todas as propriedades que são apenas parcialmente apresentadas em cada um dos outros membros da categoria (FONTANILLE, 2007, p.52).



A metodologia caracteriza-se pela escolha da página do jornal que pode representar as categorias formuladas, por meio de diferenças e semelhanças entre todo o material selecionado. Desse modo, foram sistematizados, em primeiro lugar, os temas tratados, assim como as diferenças e semelhanças entre o material selecionado para esta pesquisa, com o intuito de eleger representantes das páginas dos jornais a serem analisadas neste capítulo.

De maneira geral, o tema com maior representatividade foi o da violência: a da guerra; a da fome, a da miséria, a da pobreza, a da discriminação social e racial; e a violência urbana. Em muitas dessas fotografias, as imagens da criança, pelo valor que ela tem na sociedade contemporânea, servem para suscitar significados e sensações de repulsa ou rejeição ou, ainda, de compaixão e piedade, ou seja, a fotografia jornalística passa a ter papel preponderante na formação da totalidade de sentido que o leitor terá ao ler a página que expõe uma fotografia de uma criança suja, magra, solta no chão, com um cenário pobre, junto a um texto verbal sobre a política dos bancos mundiais para com os países em desenvolvimento, por exemplo.

Nas fotografias que expressam a violência da guerra, há predominância da distribuição delas por meio de agências internacionais de notícias e, conseqüentemente, há repetição de fotografias. Há nesse grupo muitas fotografias que são especialmente impactantes, porque mostram crianças mortas, brutalmente assassinadas por uma guerra sem fim. Muitas dessas fotografias que representam a violência, em todos os seus aspectos, podem ser classificadas como fotos-choque, na acepção de Barthes (2006).

As fotografias que representam a fome, a miséria, a pobreza, a discriminação social e racial trazem traços semelhantes, principalmente as que retratam países estrangeiros, e a maioria delas representa estereótipos da América Latina, Ásia e África. Nesse grupo há fotografias de mulheres e crianças em situações de desespero, de fome, de inanição, de abandono. Há diferenças entre elas, pois algumas fotografias são esteticamente bem produzidas, e, no entanto, mostram uma situação dramática. Um evento sazonal traz mais elementos para esse grupo: a Copa do Mundo 2006. A imprensa fez muitas reportagens especiais, nas quais os países da África, que participaram da Copa do Mundo, tiveram sua história contada pelos jornais. Em algumas dessas reportagens, os “astros” são as crianças. A infância nesses países parece representar a possibilidade de um futuro melhor ou, em alguns casos, um país sem planejamento de futuro para suas crianças.



Os dois jornais observados trouxeram “retratos” da violência urbana no Brasil, porque o país viveu momentos difíceis durante o período pesquisado para esta dissertação, entre maio e dezembro de 2006, demonstrando a falta de controle do Estado diante das organizações criminosas, como o PCC (Primeiro Comando da Capital), em São Paulo. Em várias reportagens, lá está a criança ao lado dos policiais armados, às vezes, no colo dos pais, vivenciando o medo e a violência.

Outro evento sazonal que recebeu atenção dos jornais analisados foram as Eleições 2006 para presidente da República, governador, deputado estadual, deputado federal e senador. Os candidatos a presidente da República e governador, principalmente, aparecem, nas reportagens, ao lado de crianças, brincando com elas, comendo em um lugar “simples” com crianças de rua, mas os abraços e os beijos são as imagens mais comuns em ambos os jornais.

A partir desses dados, foram sistematizadas duas categorias de análise:

1. Violência – que se subdivide em três:
 - 1.1 Violência de guerra;
 - 1.2 Violência econômica (fome, miséria, discriminação);
 - 1.3 Violência urbana (conflitos armados);
2. Política – representada por matérias das eleições que aconteceram em 2006.

Feita essa sistematização, na primeira fase do exame do *corpus*, procedeu-se à sua análise, com base nas categorias de análise elaboradas a partir de dados fornecidos pelos próprios textos (verbovisuais) das reportagens selecionadas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, para a identificação das diferentes formas de tratamento jornalístico utilizadas nas configurações visuais.

Em cada análise foi feita uma descrição das páginas e dos elementos relevantes para esse exame. Inicialmente, o percurso de análise das reportagens incidiu no exame das fotografias em seus componentes plásticos (topológicos, eidéticos e cromáticos), para, então, serem observados os aspectos lingüísticos e gráficos que compõem a página do jornal e proporcionam a totalidade de sentido. Neste artigo apresentam-se, a seguir, as principais considerações obtidas nessas análises.

As representações visuais da criança na imprensa - considerações finais

Das duas principais funções de relação descritas por Barthes (1990) entre a mensagem lingüística e a mensagem icônica, investigou-se nesta pesquisa a função de

relais, que prevê uma relação de complementaridade entre a linguagem verbal e não-verbal. As matérias selecionadas para análise seguiram o critério da complementaridade, buscando reportagens que não tratassem de temáticas próprias da infância, mas que utilizassem fotografias de criança, como forma de produção de sentidos para atrair o leitor nos âmbitos cognitivo e afetivo, pela articulação entre o verbal e o não-verbal.

A imagem da criança, que inspira nos leitores da sociedade ocidental pureza, alegria, encanto, ingenuidade, um ser humano ainda em desenvolvimento e que por isso necessita de cuidados especiais, é muito utilizada nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em matérias que não se referem às temáticas próprias do universo infantil, como violência (de guerra, econômica e urbana) e política, produzindo efeitos de sentido que evocam, sobretudo, a ordem do sensível no leitor. Desse modo, é possível afirmar que a representação visual da criança nos jornais tem como objetivo a utilização da criança como vetor cognitivo e afetivo, para despertar no leitor sentimentos de piedade e terror, assim como sentimento de esperança e alegria, como se pode observar nas matérias de política.

De todo o período de observação dos jornais, durante o ano de 2006, no qual foram selecionadas aproximadamente 500 matérias, foi possível detectar que a *Folha* utiliza mais a imagem, desde a fotografia como outros recursos gráficos, recorrendo com maior intensidade a esse recurso do que o *Estadão*. Pode-se perceber também que a fotografia tem sua qualidade preservada na *Folha*, devido à impressão e ao papel utilizados, do que talvez derive a sua recorrência no emprego de imagens. Quanto ao *corpus* específico concernente à temática da infância, ambos os jornais fazem o mesmo uso de fotografias de criança, com as diferenças pertinentes a cada discurso e às especificidades de cada matéria, nas quais é possível encontrar procedimentos similares nas reportagens dos diários em relação ao tratamento do tema. No levantamento geral, pode-se perceber que ambos os jornais recorrem a diferentes níveis de aproximação, que variam de uma reportagem para outra. Por exemplo, nas matérias do *Estadão* e da *Folha* (Categoria Violência de Guerra – Matéria 2), que utilizam fotografias similares, percebeu-se que, apesar de a *Folha* empregar mecanismos de aproximação com maior recorrência, nesse caso específico houve a inversão dessa estratégia, sendo a fotografia do *Estadão* a que traz maior efeito de presença e de proximidade.



CATEGORIA VIOLÊNCIA DE GUERRA – MATÉRIAS 1 E 2



Jornal *Folha de S. Paulo*, de 14/06/2006



Jornal *O Estado de S. Paulo*, de 9/11/2006

Na primeira categoria analisada, *Violência de Guerra*, os sentimentos de piedade e terror são despertados no leitor, por meio de uma construção visual explícita de violência, expondo as crianças mortas no conflito entre palestinos e israelenses, assunto que foi recorrente no período analisado. As duas matérias analisadas referem-se à morte de crianças no conflito, no título, no entanto no texto verbal da matéria principal não há tratamento da questão específica da morte das crianças e, sim, o registro do fato, relatando como foi o conflito, por que aconteceu e que providências serão tomadas para não mais acontecerem ataques surpresa, como o ocorrido. Os recursos utilizados nas fotografias colocam as crianças em primeiro plano, mostrando essencialmente seu rosto e as marcas da violência, como o sangue. Há, também, a presença de adultos e outras crianças vivenciando a violência sofrida por outra criança, que pode despertar no leitor sentimento de impotência em relação aos cuidados com a infância. Pode-se observar que, nos últimos dois anos (2007 e 2008), as fotografias utilizadas para mostrar a violência urbana trazem a criança de forma mais presente, principalmente nas matérias que tratam da violência nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Embora prolifere o recurso às imagens infantis, em âmbito nacional, não se recorre aos mesmos procedimentos adotados nos casos analisados da categoria *Violência de Guerra*. Assim, a representação da criança brasileira afetada pela violência ou mesmo vítima direta da



violência nos jornais analisados não deixa ver o sangue e as marcas efetivas da agressão à infância, como se negassem o estado de guerra civil instalado nessas cidades.

Historicamente, a partir da queda da taxa de natalidade, os pais, ou seja, os adultos são os responsáveis por zelar pela segurança das crianças (STEARNS, 2006). Expandindo essa responsabilidade para a organização coletiva (a sociedade), qualquer pessoa, ao ler o jornal, seja ele pai, mãe ou não, se sentirá também responsável e penalizado ao ver uma criança que foi morta em um conflito de guerra. Nessas matérias, a imagem da criança estabelece uma relação entre o leitor e o jornal, pautada pelo regime do sensível, com base no pressuposto dos direitos da infância e dos cuidados especiais a ela requeridos. Desse modo, a fotografia nessas matérias tem como objetivo estabelecer um vínculo emocional com o jornal, conquistando a atenção do leitor, e exerce, em menor escala, a função de acréscimo de informação, sobretudo porque valoriza o choque da morte e das marcas da violência em corpos indefesos para despertar a sua atenção.

Nas fotografias utilizadas na categoria *Violência Econômica*, foram observadas duas estratégias distintas de construção visual: a primeira está mais ligada à estética, à ordem dos elementos, ao valor do preto-e-branco para a fotografia documental; a segunda tem seu principal aspecto ligado à memória das pessoas sobre os países considerados pobres. Na primeira, a composição busca a beleza, a disposição dos elementos da fotografia, de maneira organizada que resultem em uma visão estética, valorizada dos personagens em questão, mesmo que se refira a uma realidade de pobreza e miséria. Na segunda, os estereótipos é que são evocados pela imagem. É a reatualização da imagem já vista, publicada inúmeras vezes em jornais, revistas e veiculada na televisão. Mesmo sem conhecer pessoalmente países considerados pobres, como a África, o leitor tem, em seu imaginário, a representação visual do povo africano, suas crianças e seus sofrimentos, sobretudo pela veiculação, com bastante frequência, da fome e das dificuldades enfrentadas pelo povo africano da Somália e da Etiópia, entre as décadas de 1980 e 1990, por meio de fotografias publicadas em jornais e revistas e de imagens veiculadas pela televisão. Apesar de as estratégias utilizadas nessa categoria serem distintas das utilizadas na categoria *Violência de Guerra*, há um elemento em comum: em primeiro plano está a criança. Mais do que isso, é o rosto, a expressão, o olhar da criança que determina o percurso da leitura, despertando a afetividade.

CATEGORIA VIOLÊNCIA ECONÔMICA - MATÉRIAS 3 E 4



Jornal *Folha de S. Paulo*, de 10/06/2006



Jornal *O Estado de S. Paulo*, de 07/11/2006

A categoria *Violência Urbana* mostra em suas imagens o risco iminente ao qual as crianças estão expostas, diante da falta de controle do Estado no que diz respeito à segurança pública no Brasil. As matérias selecionadas referem-se aos ataques da organização criminosa Primeiro Comando da Capital, em São Paulo, e demonstram o uso da força armada nas ruas para garantir a segurança da população. A primeira imagem tem uma forte relação com o título da chamada de capa, que produz o efeito de sentido de insegurança, sobretudo para as crianças. Na segunda imagem, a relação entre o verbal e o não-verbal não apresenta a mesma força de produção de sentido, mas a criança aparece agarrada ao pescoço de um adulto, que se supõe seu pai, que é a quem a criança recorre diante da imagem do homem encapuzado e armado. As duas matérias usam imagens em que o centro está na força policial armada, mas as crianças, que figuram como elementos secundários, é que ajudam a construir a “estratégia de arrebatamento”, apontada por Hernandes (2006), buscando atingir no leitor a ordem do sensível. É importante ressaltar que as matérias demonstram a guerra urbana sem sangue, sem violência explícita, diferentemente da maneira como a violência contra a criança é demonstrada na categoria *Violência de Guerra*, no entanto, constroem, a partir da representação visual da criança, a situação de insegurança e o questionamento de como essa situação se refletirá no futuro de quem ainda é muito pequeno e indefeso para se cuidar sozinho. Como diz Sontag (2003, p.72), “As fotos traçam rotas de referência e



servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que um lema verbal”.

CATEGORIA VIOLÊNCIA URBANA – MATÉRIAS 5 E 6



Jornal *Folha de S. Paulo*, de 19/05/2006



Jornal *O Estado de S. Paulo*, de 21/05/2006

A criança como elemento de esperança está presente na categoria *Política*. Ao contrário das outras categorias, a criança na categoria *Política* é utilizada como um recurso imagético para traçar o paralelo entre os futuros governantes e o futuro das crianças. Nessas matérias, as crianças aparecem sorrindo, felizes, em ação integrada com o político, mas as imagens não têm relação com o texto verbal das matérias, que relatam o que, onde, quando e como os candidatos estão realizando suas campanhas. A segunda fotografia analisada nessa categoria apresenta uma imagem com características de publicidade, que poderia ser utilizada diretamente pela publicidade oficial do candidato em sua campanha. O uso no fotojornalismo de recursos da fotografia publicitária, categorias que têm objetivos diferentes, leva à indagação, com Landowski (2002), se não haveria uma publicização generalizada estendendo-se por todas as manifestações midiáticas. O hibridismo presente nessa fotografia apresenta um problema contemporâneo do jornalismo, que a cada dia usa mais os elementos pertencentes à técnica da publicidade, sem explicitar esse uso, causando o efeito de sentido próprio desse campo da comunicação.

CATEGORIA VIOLÊNCIA POLÍTICA – MATÉRIAS 7 E 8



Jornal *Folha de S. Paulo*, de 31/07/2006



Jornal *O Estado de S. Paulo*, de 31/10/2006

As possibilidades de construção visual são inúmeras, dadas pelas características dos acontecimentos que se transformam em notícia e pelas técnicas do fotojornalismo. No entanto, a utilização da criança em todas as matérias analisadas e observadas durante esta pesquisa demonstram que a representação visual da criança em matérias que não tratam de temáticas específicas da infância traz ao leitor o conceito de infância estabelecido pela sociedade ocidental, buscando alcançar a ordem do sensível, por meio do estabelecimento da afetividade.

Para além dessas questões específicas na forma de tratamento que já foram trazidas nas análises de cada eixo temático, há uma dinâmica relacional com o leitor, que sobredetermina todas elas, que ora se pauta pela dominância da “mediação crítica” de caráter cognitivo, como nos casos em que se recorre à ironia, ora pela emergência da “imediatez afetiva”, como nos casos das fotografias de violência explícita (CAETANO, 2006).

O artista de rua inglês, conhecido como Banksy, tem uma ilustração na qual faz crítica ao modo como a mídia, de maneira geral, trata o sofrimento da criança em situações de violência, especialmente nos conflitos bélicos.

A MÍDIA, POR BANKSY



FONTE: <<http://www.banksy.co.uk/indoors/media.html>>

No entanto, seria ingênuo afirmar que a mídia só utiliza a criança para atrair o leitor, usando-a deliberadamente para atingir seus interesses econômicos, pois o fotógrafo, o repórter e o editor, por exemplo, também são pessoas de seu tempo e deixam refletir, nas escolhas e ações que efetuam, os seus próprios valores diante dos fatos que testemunham e representam. Expõem, portanto, uma concepção da infância partilhada pela sociedade em que vivem, assim como as paixões desencadeadas pelo seu desrespeito nas relações sociais, pois, como dizem Caetano e Lemos (2007, p.6-7), “o fotógrafo se coloca sempre como alguém que quer ver (...), ainda que seja para expor aquilo que normalmente *não se vê* ou que *não quer ser visto*”.

A mídia não faz nada mais do que exponencializar tal sistema de valores relacionado ao mundo da criança, seja pelo tratamento consciente de sua imagem, visando a efeitos de sentido negativos ou positivos; seja como testemunha indignada, também ela passionalizada, dos absurdos da realidade que registra, tomando as ações com (ou cometidas contra) a criança como fenômenos extremos. Trabalham, dessa maneira, com o paradoxo entre os pressupostos convocados pelo imaginário a respeito do mundo infantil e a sua representação em imagens visuais, destinadas a informar o contrário na descrição dos fatos recorrentes da cotidianidade. Num e noutro caso, assiste-se ao uso da representação infantil no eixo de um fenômeno escalar em que a criança representaria o último ponto de infração contra o respeito e o gesto humanitário: por isso, tornam-se uma espécie de vetores da força dramática de um discurso.



Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

_____. **O óbvio e obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAETANO, Kati Eliana. **Anotações de aula no Mestrado em Comunicações e Linguagens**, Curitiba/PR, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), 2006.

CAETANO, Kati Eliana; LEMOS, Anuschka Reichmann. À margem do olhar, à margem da imagem: regimes de visibilidade na fotografia documental. **Razón y Palabra**, v. 17, p. 1-18, 2007.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, s.d.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

_____. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.